

O CUIDADO COM A CASA COMUM E A SUSTENTABILIDADE DAS RELAÇÕES

Francisco Márcio Bezerra dos Santos¹
Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves²

RESUMO

A reflexão acerca das problemáticas ambientais tem se tornado presente nas mais diversas áreas do saber humano. Também a teológica tem se ocupado de pensar tais realidades à luz de sua episteme própria. Em vista disso, este ensaio reflete sobre o cuidado com a casa comum e a necessidade de construir relações sustentáveis, as quais superem a “cultura do descarte” que tende a “coisificar” as pessoas e a natureza. O ensaio, elaborado a partir de revisão bibliográfica, é dividido em três momentos: O papel da ecoteologia; cuidar da casa comum: construir relações sustentáveis; e, a busca por ecologia integral para a sustentabilidade das relações. Tendo a encíclica *Laudato Si* como texto norteador, observa-se a complexidade das relações sustentadas na sociedade hodierna, que se encontra submersa em verdadeira crise pluridimensional. Em face à tal situação, a ecologia integral do Papa Francisco aparece como caminho importante para a superação de tal crise e a construção de uma sociedade com relações sustentáveis, fundamentada no princípio do bem comum, caracterizado pela fraternidade e pela solidariedade, não apenas nas relações intersubjetivas, mas com toda a criação.

Palavras-chave: ecologia integral; sustentabilidade; crise; bem comum.

TEACHING-SERVICE ARTICULATION IN HEALTH HUMANIZATION PROCESSES

ABSTRACT

Reflection on environmental issues has become present in the most diverse areas of human knowledge. Theology has also been concerned with thinking about such realities in the light of its own episteme. In view of this, this essay reflects on the care for the common home and the

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Graduado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Mestre em Teologia Sistemática pela FAJE. Pós-graduando em Gestão e Liderança organizacional pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). Membro pesquisador dos Grupos de Pesquisa “A Bíblia em Leitura Cristã” (FAJE) e “Cristianismo e interpretações” (UNICAP). Professor e coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. E-mail: francisco.santos@professor.catolicadorn.com.br.

² Mestre em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Pós-graduado em Direito Matrimonial Canônico, pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Pós-graduado em Doutrina Social da Igreja, pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA). Graduado em História, Filosofia e Teologia. Professor de Teologia do Instituto Teológico Franciscano (ITF), em Petrópolis (RJ) e no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário. Professor de Ensino Religioso do Colégio Santa Catarina. E-mail: robsonrcastro@yahoo.com.br.



need to build sustainable relationships, which overcome the “culture of discard” that tends to “reify” people and nature. The essay, prepared from a bibliographic review, divides into three moments: The role of ecotheology; taking care of the common home: building sustainable relationships; and, the search for integral ecology for the sustainability of relationships. Having the encyclical *Laudato Si* as a guiding text, it is possible to see the complexity of the relationships sustained in today's society, which submerged in a true pluridimensional crisis. Faced with this situation, Pope Francis' integral ecology appears as an important way to overcome this crisis and build a society with sustainable relationships, based on the principle of the common good, characterized by fraternity and solidarity, not only in relationships intersubjective, but with all creation.

Keywords: integral ecology; sustainability; crisis; common good.

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2013, após a renúncia do Papa Bento XVI, a atenção do mundo voltava-se para quem seria o novo Bispo de Roma. No dia 13, surge, na chaminé da Capela Sistina, a esperada fumaça branca. Ela sinalizava não apenas um novo Papa, mas um novo momento da Igreja. Já a eleição do primeiro Papa Sul-americano indicava isto. Mas, a intuição foi corroborada pela escolha de um nome inédito até então: Francisco. Em homenagem ao homem que tinha como vocação a reconstrução da Igreja através da pobreza evangélica e da vida fraterna. Eram sinais de um alvorecer que despontava.

De lá para cá, o Papa Francisco tem evidenciado cada vez mais sua preocupação com os marginalizados e uma busca intensa por uma vida verdadeiramente evangélica, na qual desponta o Bem Comum como princípio essencial da práxis humana. No entanto, para que este bem realmente atinja a sociedade como um todo, em especial aos mais vulneráveis, é preciso refazer alguns percursos que aprisionaram o ser humano nas armadilhas do isolamento, da exploração e da injustiça, tanto em relação às pessoas quanto à natureza. Diante disso, é mister repensar as relações humanas em suas mais diversas realidades.

Nesse sentido, o presente ensaio tem por objetivo principal apresentar e discutir a proposta do Papa Francisco por uma ecologia integral para a superação dos diversos problemas que lançam a humanidade em uma verdadeira crise pluridimensional que atinge a sociedade, a economia e os ecossistemas. Para isto, o texto será dividido em três momentos. No primeiro, será apresentado o papel da ecoteologia, segmento do saber teológico que reflete acerca de caminhos éticos, inspirados na fé bíblica, os quais possibilitam uma relação harmoniosa e respeitosa com toda a criação. No segundo, tratar-se-á do cuidado com a Casa Comum, em vista da construção de relações sustentáveis, a fim de superar a cultura do descarte e da “coisificação” das pessoas e da natureza. Por fim, em face à complexidade dos problemas que assolam a humanidade e a natureza, será abordada a ecologia integral do Papa Francisco como caminho relevante para a construção de relações sustentáveis.

2. PAPEL DA ECOTEOLOGIA

Embora já esteja presente no cenário há algum tempo, a expressão “Ecoteologia” ainda surpreende a muitos que não têm ciência de sua existência dentro do saber teológico. A palavra é formada a partir da junção dos termos *oikos e theologia*. Este, expressa a ideia de discurso ou estudo acerca do divino. Por seu turno, o primeiro termo significa casa, cujo sentido é o lugar comum onde todos residem. Em sentido amplo, a *ecoteologia* reflete sobre o agir humano em face à casa comum a partir dos fundamentos da fé bíblica, com o objetivo de reorientar a visão humana acerca do modo de se relacionar com o ambiente, tecendo verdadeira ética ambiental que considere os diversos aspectos da criação.

O último século, marcado por tragédias ambientais em diversos lugares do globo terrestre, escancarou os sérios riscos do desequilíbrio ambiental e suas consequências para a sustentabilidade da vida no planeta Terra. Por seu turno, a mentalidade utilitarista e consumista dos recursos naturais, próprias da sociedade do descartável, agrava e, ao mesmo tempo, normaliza tais “gritos de socorro” que o planeta tem levantado.

Cada vez mais as ciências, em especial as ambientais, apontam que a ação humana tem interferido e prejudicado diretamente o ecossistema global, pondo em risco diversos biomas e, até mesmo, a vida no planeta. De fato, o cenário atual revela verdadeiras e profundas crises que põem em xeque a subsistência na casa comum, não apenas em nível ecológico, mas nos mais variados níveis. Em face a tal problema, a ecoteologia propõe caminhos, à luz da fé, que ajudem na superação da exploração desregrada dos recursos naturais, formando verdadeira ética ecológica, cuja finalidade é transformar a consciência e o agir humanos em relação à vida no planeta.

A crise global, verificada por diversos meios, tem chamado a atenção de vários segmentos da sociedade que se unem no esforço de frear a cultura de exploração e a indiferença frente aos sinais ambientais. Entre tais segmentos, figura também o religioso. Mais que nunca tem se tornado comum reflexões teológicas acerca do comportamento humano em face à criação, as quais chamam a atenção para o cuidado a ser dispensado sobre a natureza como um todo.

Ponto relevante dessas reflexões é certamente a Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, de maio de 2015. O documento pontifício assume o cuidado com a casa comum como tema norteador de sua reflexão, mas sempre numa perspectiva holística, cujo desejo é evidenciar a complexidade das relações humanas na sociedade atual e a urgente necessidade de práxis transformadoras do agir humano nas diversas relações, comprometidas pelo modelo atual da sociedade do descarte. Nesta direção aponta Murad:

Não se trata de estudar isoladamente os seres bióticos e abióticos, mas de perceber as relações. Não a metade do ambiente, mas ele inteiro. Um ser vivo é compreendido em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem e no equilíbrio com os demais representantes da comunidade dos viventes. A ecologia pretende compreender a forma como os seres dependem uns dos outros, numa imensa teia de interdependência, o sistema homeostático, equilibrado e autorregulado (MURAD, 2019, p. 74).

Entre outras questões, as reflexões ecoteológicas pensam caminhos que resultem numa ética ecológica que, partindo do dado da fé, transforme a práxis humana frente ao extrativismo e à cultura da exploração da natureza, cuja finalidade é o lucro exacerbado, típica da cultura capitalista. Por isso, levanta indagações acerca da viabilidade de tal comportamento, evidenciando-o como insustentável a longo prazo, pois compromete não apenas o meio ambiente, mas a própria sustentabilidade da existência humana.

É possível dizer que a *Laudado Si*, ao tratar de questões ambientais à luz da fé, representa um ponto intenso, ponto luminoso no magistério social católico, cuja finalidade não se limita às relações antropológicas, mas reflete sobre tudo aquilo que ameaça a dignidade e a vida, não apenas a humana, a fim de garantir a sustentabilidade dos diversos seres no planeta terra.

O nome da encíclica, conforme o costume dos documentos católicos, vem das primeiras palavras utilizadas na obra e significa “Louvado Seja”. Ela remete ao canto de louvor de Francisco de Assis, em face ao universo criado. Embora geralmente as encíclicas sejam destinadas aos católicos em geral, esta possui uma perspectiva universal, para toda a humanidade, tendo em vista a universalidade do problema, assim como de suas possíveis soluções.

O documento pontifício possui 246 parágrafos, divididos em seis capítulos, antecidos de uma breve introdução e seguidos por duas orações (pela nossa terra e oração cristã com a criação). Os capítulos são intitulados da seguinte forma: 1) O que está acontecendo com a nossa casa; 2) O Evangelho da Criação; 3) A raiz humana da crise ecológica; 4) Uma ecologia integral; 5) Algumas linhas de orientação e ação; 6) Educação e espiritualidade ecológicas.

A fim de possibilitar uma leitura mais assertiva da situação, o Pontífice elenca dez eixos temáticos que perpassam todo o texto, são eles: a relação entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que no mundo tudo está interligado; a crítica ao paradigma e às formas de poder que derivam da tecnologia; o convite a buscar outras maneiras de compreender a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descarte; a proposta de um novo estilo de vida (*Laudato Si*, 16) (FRANCISCO, 2015).

Alicerçada no método ver, discernir e agir, a encíclica busca repensar a lógica das relações, numa perspectiva holística, através da ecologia integral, a qual busca refazer, de forma saudável, as diversas relações, a fim de uma verdadeira sustentabilidade relacional. Por isso, cuidar da casa comum é um desafio cada vez mais urgente, que não se reduz ao cuidado ambiental, mas aos mais diversos aspectos da existência humana.

3. CUIDAR DA CASA COMUM: CONSTRUIR RELAÇÕES SUSTENTÁVEIS

A expressão “casa comum” tornou-se notória, estando cada vez mais presente nas reflexões teológicas, desde a publicação da Encíclica *Laudato Si*. Ela expressa o lugar onde se desenrola a existência de diversos seres, bióticos e abióticos. É “casa” por habitar igualmente todos esses seres; e, é “comum” porque nela se constitui diversas relações que ajudam a superar a lógica egoísta, típica da sociedade do descarte. Por isso, busca-se uma ética holística que transforme as atitudes humanas em seus diversos aspectos.

Diante do grande desafio de fomentar uma ética que leve em consideração as questões ambientais, Francisco inicia por superar uma visão equivocada e tradicional geralmente presente entre cristãos, a de que o ser humano deve dominar, muitas vezes sem escrúpulos sobre a natureza. Segundo o documento pontifício:

Crescemos a pensar que éramos seus (da terra) proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra

oprimida e devastada, que <<geme e sofre as dores do parto>> (Rm 8,22) (*Laudato Si*, 2) (FRANCISCO, 2015, s/p).

Esta postura tem alavancado a crise ambiental que se torna cada vez mais urgente. Assim, é essencial repensar caminhos que apontem para a superação desses diversos problemas numa perspectiva integral. De fato, a crise apontada por Francisco vai bem além da perspectiva ambiental. “A questão nuclear não é ‘o problema ecológico’, algo fora de nós, que vem da natureza, e sim a forma como a espécie humana lida com a comunidade de vida no planeta, a biosfera. Dito de forma simples: a crise ambiental é uma crise da humanidade e de suas escolhas” (MURAD, 2019, p. 67).

É preciso criar caminhos éticos que abordem as diversas faces dessa crise. Preocupado com tais desafios e as desigualdades sociais que comprometem os países menos desenvolvidos e incide diretamente nas relações humanas, o Pontífice adverte:

Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais (*Laudato Si*, 119) (FRANCISCO, 2015, s/p).

Portanto, a realidade é bem mais complexa e desafiadora. Trata-se de pensar propostas que conduzam a relações sustentáveis nos mais diversos níveis.

Nesse sentido, mostra-se também a necessidade de romper com a lógica opressiva que incide nas relações humanas, não apenas em perspectiva ambiental, mas também social e interpessoal. A objetivação das pessoas tem sido cada vez mais presente na sociedade do descarte, cuja lógica cruel atinge não apenas aos objetos, mas à natureza e ao ser humano. Nesse tipo de sociedade, “o importante é acumular grande número de meios de vida, de riqueza material, de bens e serviços a fim de poder desfrutar a curta passagem por este planeta.” (BOFF, 2004, p. 15).

Neste tipo de sociedade não há lugar para os “improdutivos”, sejam eles pessoas em situação de rua, desempregados, aposentados etc. Assim, são excluídos e marginalizados, vistos muitas vezes como “problema social” a ser sanado, geralmente de forma paliativa, sem levar em consideração a verdadeira Promoção Humana.

Tendo em vista tal horizonte, refletir apenas sobre a crise comportamental em face ao meio ambiente e aos recursos naturais, seria uma atitude míope que abordaria o problema sem enxergá-lo nitidamente, assumindo o risco da superficialidade. Na esteira da *Laudato Si*, Román Guridi, propõe uma ecologia que se baseie numa dinâmica integral, cuja reflexão considere três “ecologias”: pessoal, social e ambiental.

A ecologia pode ser pensada como um todo integrado baseado nas ecologias pessoal, social e ambiental. Não estou propondo simplesmente recuperar a linguagem que tem sido utilizada por outros teóricos e disciplinas que falam de ecologia humana e ecologia. Se trata, antes, de enfatizar e pôr em relevo um fato fundamental e básico. Se a ecologia refere à interação e interconexão geral, então deve levar em consideração todas as dimensões das relações humanas, sem restringir-se unicamente à relação do ser humano com a natureza (GURIDI, 2018, p. 47.).

De fato, a sociedade atual constata a fragmentação e a fragilização das relações, caracterizada pela “coisificação” das pessoas e da natureza, resultando em uma verdadeira

cultura utilitarista de ambos. Nessa perspectiva, não há espaço para relações sustentáveis, pois o outro, seja a pessoa humana ou a natureza, é apenas um meio através do qual se consegue o próprio benefício. Disso deriva uma sociedade “ensimesmada”, marcada de um profundo e estéril individualismo, que nega a existência relacional e dialógica do ser humano como sujeito de múltiplas relações que deve ser pensado na condição de “filho” (de Deus e do homem) e “irmão”, responsável pelo destino de todos (PONTÍFICA COMISSÃO BÍBLICA, 2022, p. 24).

Se, por um lado, há esta objetivação da pessoa humana, com maior razão é possível afirmar acerca do meio ambiente. Sob o pretexto do desenvolvimento industrial e tecnológico, a fauna e a flora perdem espaço para as “selvas de pedras” urbanas. Em consequência disso, todos padecem. O ecossistema planetário dá sinais graves de seu desgaste. Corrigir a rota revela-se primordial para um futuro minimamente habitável na Terra.

Desejoso de refazer percursos e abrir novos horizontes, o Sumo Pontífice intitula o segundo capítulo da *Laudato Si* de “O Evangelho da Criação (nn. 62-100)”. Nele, oferece um itinerário bíblico-teológico, cuja finalidade, entre outras, é superar o famoso equívoco hermenêutico acerca de Gn 1,28, segundo o qual Deus ordenou ao ser humano “dominar” a criação. Para alguns, este texto justificou a ideia utilitarista e extrativista do meio ambiente, uma vez que a criação estaria para ser dominado e subjugado pela humanidade.

A fim de sair do reducionismo ligado à interpretação fundamentalista e monolítica deste único texto, Francisco, apoiado em Gn 2,15, relembra a vocação humana de “cultivar e guardar” o jardim. Partindo disso, elenca diversos textos, nas mais variadas tradições teológicas (legislativas, sapienciais, proféticas etc.), com o intuito de apresentar uma perspectiva holística da temática na Sagrada Escritura.

Merece destaque o *Shabbat* (repouso), originalmente aplicado ao ser humano, mas estendido numa perspectiva ambiental, segundo a qual também os animais e o solo devam descansar (Ex 23,12). Nessa mesma perspectiva, há o ano sabático e o ano jubilar. Conforme as narrativas bíblicas³, a cada sete anos, deve haver um momento de descanso da terra, cuja finalidade é honrar ao Senhor, Criador de todas as coisas. A cada cinquenta anos este descanso se reveste de maior solenidade, no ano jubilar. Entre outras coisas, destaca-se a devolução da propriedade familiar, vendida ou alienada por diversas razões. Essa normativa fundamenta-se na relevante compreensão da Terra como dom de Deus, Promessa feita aos pais e cumprida pelo Senhor, seu verdadeiro dono. Acerca dessa legislação, Francisco comenta:

O desenvolvimento desta legislação procurou assegurar o equilíbrio e a equidade nas relações do ser humano com os outros e com a terra onde vivia e trabalhava. Mas, ao mesmo tempo, era um reconhecimento de que a dádiva da terra com os seus frutos pertence a todo o povo. Aqueles que cultivavam e guardavam o território deviam partilhar os seus frutos, especialmente com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros (*Laudato Si*, 71) (FRANCISCO, 2015, documento não paginado).

Assim, o Pontífice vai tecendo uma abordagem panorâmica da compreensão bíblica da criação, a fim de suplantar o reducionismo hermenêutico fundamentado em um versículo solto e descontextualizado. De fato, muitos são os textos bíblicos que evidenciam perspectivas positivas na interação entre o humano e o meio ambiente. O próprio livro do Gênesis sinaliza a relação de modo existencial: o humano foi criado do solo terreno (2,7). A narrativa mítica revela a mentalidade respeitosa do autor sagrado à obra da criação.

³ Entre as mais relevantes é possível apontar: Ex 23,10-13; Lv 25,1-22.

A fim de evidenciar cada vez mais tal vínculo, Francisco enfatiza a teologia da criação como caminho necessário para a superação das ações opressivas do humano em face ao meio ambiente. Para ele:

A melhor maneira de colocar o ser humano em seu lugar e acabar com sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses” (*Laudato Si*, 75) (FRANCISCO, 2015, documento não paginado).

Ao recuperar o sentido teológico da criação, Francisco relembra que ela é muito mais que a natureza, trata-se antes de um “projeto de amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado” (*Laudato Si*, 76) (FRANCISCO, 2015, documento não paginado). Nesse sentido, ele busca fomentar uma espiritualidade engajada e comunitária que contribui diretamente para o aperfeiçoamento das relações, superando a lógica opressiva, em relação aos outros e ao meio ambiente, a fim de gerar uma sociedade justa e sustentável. Contudo, é essencial não fixar todos os esforços apenas em uma dimensão. A crise nas diversas relações manifesta a complexidade do problema e denuncia uma humanidade adoecida pelo individualismo que acaba ameaçando a todos.

Em síntese, observa-se a real complexidade que toca as diversas relações humanas. Na atual sociedade, marcada pelo consumismo e o individualismo que culminam na “cultura do descarté”, cuja principal característica é a “coisificação” das pessoas e da natureza, é preciso refazer a rota para não chegar ao colapso. De fato, o meio ambiente, e também o ser humano, dão sinais de que tal colapso está cada vez mais próximo. Por isso, é extremamente urgente tomar consciência da real situação e repropor alterações práticas que possam minimizar não apenas os impactos ambientais, como também as injustiças sociais e os diversos males que atingem as relações humanas.

4. A ECOLOGIA INTEGRAL PARA A SUSTENTABILIDADE DAS RELAÇÕES

Em face à complexidade do atual contexto de crise, o Papa Francisco propõe como caminho prático uma ecologia integral. O pressuposto inicial é compreender a ecologia numa perspectiva relacional entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem (*Laudato Si*, 137) (FRANCISCO, 2015). Portanto, é essencial superar a compreensão superficial de que a ecologia busca apenas um olhar respeitoso sobre a natureza. Na verdade, não se trata apenas de um agir “politicamente correto” para com o meio ambiente, vai muito além. Para o pontífice:

Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (*Laudato Si*, 139) (FRANCISCO, 2015, documento não paginado).

A complexidade de tal crise requer da humanidade atitudes que sanem suas diversas implicações. Para isto, Francisco relembra o princípio do Bem Comum como norte fundamental do agir humano, uma vez que “pressupõe o respeito da pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral” (*Laudato*

Si, 157) (FRANCISCO, 2015, documento não paginado). Em face a uma sociedade marcada pelo individualismo e o egoísmo, pensar o Bem Comum se configura verdadeiro desafio.

Mais do que nunca, mostra-se urgente a necessidade de construir uma sociedade pautada em relações fraternas e solidárias. Este relevante desafio tem sido presença constante no magistério de Francisco. De fato, o Papa, já em sua primeira Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium* (2013), denunciou a crise comunitária que tem se levantado no mundo contemporâneo. Ali, elencou alguns desafios do mundo atual em perspectiva social, entre os quais destaca-se: uma economia de exclusão, a idolatria ao dinheiro e as desigualdades sociais.

A *Laudato Si*, evidencia a complexidade do tema e de suas soluções, mas não desanima frente à árdua tarefa, cuja responsabilidade não é apenas dos cristãos, mas de toda a humanidade. Daí o teor universal da encíclica. Claramente, o Sumo Pontífice reconhece a ameaça às gerações futuras gestadas pela mediocridade da sociedade atual, que se fecha em si mesma e descarta todos os demais, sejam pessoas, animais ou ecossistemas etc. Nesse sentido, o apelo a cuidar da casa comum soa como voz profética a recordar à humanidade não haver outro lugar para realizar nossa existência senão o Planeta Terra.

É bem verdade que nas últimas décadas tem se levantado uma verdadeira “corrida especial”, a fim de descobrir outro planeta com características que possibilitem a existência humana além da atmosfera terrestre. Irônica ou tragicamente, parece mais fácil migrar para outro planeta, estabelecer uma colônia interestrelar, que possibilitar uma existência sustentável na Terra.

Mais recentemente, na *Fratelli Tutti* (2020), encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, Francisco reafirmou a necessidade de construir uma sociedade pautada na fraternidade e na solidariedade. Já em seu primeiro capítulo, o documento pontifício apresenta “As sombras de um mundo fechado”, elencando diversos perigos da sociedade contemporânea, entre os quais destaca-se: o risco da cultura do descarte, a falta de um projeto para todos, o progresso sem rumo comum, as pandemias e outros flagelos da história. Também é notório no mundo atual a dificuldade de tecer diálogos, sem os quais torna-se impossível a construção de uma cultura do encontro, mecanismo essencial para a superação do perigoso individualismo que ronda a humanidade nesses tempos. Acerca disso, o Pontífice adverte:

A ausência de diálogo significa que ninguém, nos diferentes setores, está preocupado com o bem comum, mas sim em obter vantagens que o poder proporciona ou, na melhor das hipóteses, em impor seu próprio modo de pensar. Assim, o diálogo será reduzido a meras negociações visando a obtenção de poder e de maiores vantagens possíveis, sem uma busca conjunta capaz de gerar o bem comum. Os heróis do futuro serão aqueles que saberão romper com essa mentalidade doentia, decidindo sustentar palavras cheias de verdade, para além das conveniências pessoais (FRANCISCO, 2020, p. 202).

As observações supracitadas revelam a preocupação constante do magistério social do Papa Francisco, o qual empenha-se não apenas numa solução momentânea e superficial, mas numa que aborde a integralidade do problema, desde suas raízes culturais, temporais, religiosas e éticas; portanto, uma abordagem verdadeiramente integral. Para isto, a superação do individualismo revela-se caminho indispensável.

Se os problemas sociais constatados denunciam a cultura do descarte e da exploração da pessoa e da natureza, é preciso criar uma outra cultura, chamada do encontro, que aja na contramão do individualismo estéril e egoísta. É preciso recuperar o senso de solidariedade e

fraternidade, através de uma verdadeira comunhão universal, na qual todo ser vivo tenha sua vida e dignidade respeitadas, em especial a vida humana (*Laudato Si*, 91) (FRANCISCO, 2015).

É comum que esses sintomas de uma sociedade adoecida e adoecedora sejam justificados em nome de um “progresso” tecnológico e econômico, cuja finalidade, na verdade, é beneficiar uma parcela ínfima da sociedade. Em vista de tal progresso a humanidade mata e desmata, cala e silencia. É evidente que a sociedade vive em tempos de crise. De fato, hoje, e já há algumas décadas “o importante é acumular grande número de meios de vida, de riqueza material, de bens e serviços a fim de poder desfrutar a curta passagem por este planeta” (BOFF, 2004, p. 15). Frutos de uma sociedade refém da valorização excessiva dos bens materiais, muitas vezes elevados acima das pessoas e da natureza. Ao tratar desse progresso sem rumo que desponta, Francisco lamentou:

No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha de uma profunda desilusão que se esconde por trás dessa ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco (FRANCISCO, 2020, p. 30).

Estar no mesmo barco, ou habitar a casa comum, é uma condição real do ser humano resgatada com propriedade e insistência pelo Papa Francisco. Redescobrir a beleza das relações, do trabalho conjunto pelo benefício de todos tem se mostrado desafio contínuo a ser abraçado pela sociedade para a construção de um mundo verdadeiramente melhor, tanto na perspectiva intersubjetiva quanto nas relações com o meio ambiente. Em vista disso, o Pontífice tem sinalizado a urgente necessidade de uma ecologia integral, cuja compreensão passa pela construção de relações saudáveis em todas as dimensões humanas: ambiental, econômica e social.

A ecologia ambiental ocupa-se de pensar a correta relação entre a natureza e a sociedade, na qual a primeira é vista como parte essencial da segunda, não um apêndice ou apenas objeto a ser explorado. Ela deverá buscar, simultaneamente, o combate à pobreza, a devolução da dignidade dos excluídos e o cuidado com a natureza (*Laudato Si*, 139) (FRANCISCO, 2015). Por seu turno, a ecologia econômica busca a ampliar os horizontes hermenêuticos de modo a contribuir na construção de uma economia que considere a proteção do meio ambiente como essencial de seu processo de desenvolvimento. Já a ecologia social deve ser realidade institucional que vai desde os níveis mais elementares da sociedade até as relações internacionais, a fim de suprimir os danos das diversas relações socioambientais.

A crise, evidenciada nas últimas décadas, tem se mostrado multifacetada e profundamente enraizada na sociedade atual. Sua origem e reflexos plurais exigem uma abordagem que leve em consideração seus diversos aspectos. Daí a necessidade de uma ecologia integral, ou seja, que aborde o problema de forma pluridimensional, com o objetivo de salvaguardar a sustentabilidade das relações, apoiando-as na solidariedade e no bem comum.

Nesse sentido, a ecologia integral torna-se caminho precioso para a sustentabilidade das relações. Ela torna-se voz profética a denunciar qualquer malefício às pessoas, sociedades ou meio ambiente. Lembra à humanidade que o progresso individualista é exclusão; o enriquecimento excludente é injustiça; a exploração utilitarista do meio ambiente é danosa etc.

A ecologia integral resgata o princípio básico do ser humano como ser de relações, cuja vida deve ser pautada no bem comum que se fundamenta na fraternidade e na solidariedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio, partindo das reflexões do Papa Francisco na encíclica *Laudato Si*, abordou o tema da sustentabilidade das relações numa perspectiva holística, fundamentada em uma ecologia integral. O itinerário proposto teve seu início com uma breve apresentação sobre a ecoteologia, como reflexão, a partir da fé, acerca do agir humano em face à criação divina como um todo. No segundo momento, evidenciou a necessidade de cuidar da casa comum e construir relações sustentáveis, que superem a tendência de “coisificar” as pessoas e a natureza, possibilitando verdadeiro respeito e dignidade a todas as criaturas. Por fim, recordou a ecologia integral como a grande proposta de Francisco tendo em vista a complexidade da crise na qual a humanidade atual está inserida. Observando a origem pluridimensional do momento delicado, se faz necessária uma abordagem que atinja as diversas causas ao mesmo tempo. Este é o papel da ecologia integral de Francisco, pensar ações que contemplem as mais diversas e complexas questões das relações humanas, direcionando-as para o bem comum.

A construção social das últimas décadas tem aumentado consideravelmente os abismos das desigualdades sociais e a indiferença em relação aos outros. Por isso, é primordial vozes proféticas que recordem a vocação à coletividade, que se dá nas relações e em um lugar específico: a casa comum. Todavia, tais vozes não devem atuar de forma monolítica, preocupando-se apenas com um aspecto. É preciso pensar saídas tanto no campo econômico, quanto social e ambiental, pois a crise atual se ramifica em todos esses segmentos.

Em tempos de volatilidade e cultura de descarte, a sustentabilidade das relações é um desafio constante, não apenas no que tange à durabilidade, como também ao estabelecimento de experiências saudáveis e frutuosas. A preocupação constante do Papa Francisco com as temáticas sociais revela seu profundo engajamento com o tema da dignidade humana. Em sua perspectiva, um dos grandes males tem sido o fechamento e o individualismo presentes neste tempo. Por isso, insiste na fraternidade e na solidariedade como caminhos de superação de muitos males que assolam a sociedade atual. Constantemente, tem sinalizado uma preocupação verdadeiramente integral para com a casa comum, principalmente nas questões ambientais, sociais e econômicas.

Quanto às questões ambientais, recentemente deu mais uma prova de sua inquietação, ao estabelecer Dom Leonardo Steiner, arcebispo de Manaus, como Cardeal da Amazônia. Entre outras coisas, o cardeal ocupar-se-á do cuidado com a floresta e da proteção aos indígenas da região, respeitando suas respectivas culturas. Assim, Francisco recorda a necessidade de uma vida harmoniosa com toda a criação, a qual revela o único criador de tudo.

Em suma, os desafios são visivelmente gigantescos, porém, cabe à humanidade, assumir o papel de protagonista na defesa da casa comum, a fim de promover a cultura do encontro, caracterizada por relações sustentáveis e solidárias, nas quais o bem comum desponte como valor principal.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 12 ago. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: CNBB, 2020.

GURIDI, Román. **Ecoteologia**: Hacia um nuevo estilo de vida. 2018. E-pub.

MURAD, Afonso. Da ecologia à ecoteologia: Uma visão panorâmica. **Fronteiras**. Recife, v. 2, n.1, p. 65-97, jan./jun., 2019.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **O que é o homem?** Um itinerário de Antropologia Bíblica. Brasília: CNBB, 2022.

